

# DIREITOS DA MULHER, IGUALDADE E ALTERIDADE: O FEMININO NA FILOSOFIA DE EMMANUEL LÉVINAS

Ana Paula Sefrin Saladini\*

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise da questão do feminino na perspectiva da filosofia de Emmanuel Lévinas. A fim de alcançar o seu intento, o trabalho utiliza o método hipotético-dedutivo. O ponto de partida consiste em breve análise sobre como o discurso filosófico enquadrou ao longo dos tempos a questão do feminino, quando o fez. Em seguida, o trabalho investiga a filosofia da alteridade de Lévinas e suas referências ao feminino, em especial quando apresenta a figura da mulher como a expressão máxima da alteridade, fazendo ainda um enquadre com relação às publicações talmúdicas do filósofo sobre a temática da mulher. Ao final, apresenta o debate proposto pelo enfoque feminista quanto à obra do filósofo e sua análise do feminino como o outro absoluto, discutindo se a perspectiva pode ou não ser enquadrada como sexista. Conclui indicando como a filosofia da alteridade, depois de esclarecida a questão sobre o uso de expressões carregadas de viés androcêntrico e sexista, pode ser útil ao avanço do debate sobre os direitos da mulher na sociedade moderna.

**Palavras-Chave:** Ética da Alteridade; Outro Absoluto; Feminismo; Sexismo.

**Abstract:** This article proposes an analysis into the feminine

---

\* Mestra em Ciência Jurídica (Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP). Doutoranda em Ciência Jurídica pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPGCJ-UENP). Juíza Titular de Vara do Trabalho. Professora.

matter, under the perspective of Emmanuel Lévinas's philosophy. To achieve such goal, the hypothetical-deductive method is used. The starting point consists in a brief analysis of how the philosophical speech framed, over time, the feminine matter, when it did. Following, the work investigates Lévinas' philosophy of the other and his references to the feminine, specially when it presents the woman's figure as a maximum expression of the other, even making a frame in regard to the Talmudic publication of the philosopher regarding the woman's thematic. In the end, it presents the proposed debate under the feminist light in regard to the work of the philosopher and its analysis of the feminine as the other absolute, arguing if the perspective can or cannot be considered sexist. It concludes indicating that the philosophy of the other, after the matter of the use of expressions loaded with androcentrism and sexism is clarified, can be useful to the advance of the debate of woman's rights in modern society.

Keywords: Absolute other; Ethic of the other; Feminism; Sexism.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS



o ler o filósofo Emmanuel Lévinas, é possível se deparar com diversas referências à figura da mulher e do feminino. Tais citações e a utilização da mulher como metáfora gerou, ao longo das últimas décadas, um interessante e acalorado debate entre os estudiosos do autor da filosofia da alteridade e as feministas: era Emmanuel Lévinas sexista? Esse debate se acentua quando se faz a análise das referências dele à mulher em seus estudos do Talmude, pois ele era, também, um estudioso da doutrina judaica, que tem uma vasta obra publicada.

Para explorar essa questão, o artigo inicia com uma breve

análise sobre como a filosofia, ao longo dos tempos, mostrou tendência em menosprezar as pessoas do sexo feminino, colocando as mulheres, muitas vezes, como indivíduos não racionais e acessórios do masculino. Na sequência, serão tecidas considerações acerca da filosofia da alteridade desenvolvida por Emmanuel Lévinas, em especial quando o filósofo faz referências à mulher e ao feminino, a quem apresenta ora como a expressão máxima da alteridade, ora como o equívoco por excelência, dentre outros termos. Apresenta também o debate iniciado especialmente por Simone de Beauvoir sobre a visão de Lévinas quanto ao feminino, que rechaça a apresentação da mulher como o Outro Absoluto, o que colocaria o homem como o Um, e discute a partir daí se o filósofo pode ou não ser enquadrado como sexista. Ao final busca analisar como e se a filosofia da alteridade pode ser utilizada como argumento de defesa do desenvolvimento dos direitos da mulher na sociedade moderna, apontando para um momento além desse debate, onde se encontra a possibilidade de, ao se apoiar na ética da alteridade, evoluir na proteção dos grupos sociais mais fragilizados.

Por fim, observa-se que o debate sobre o sexismo na filosofia não é algo de menor importância, ao contrário do que pode se pensar inicialmente, não deve ser ignorado nem reduzido a uma querela feminista. A história sempre foi contada em uma perspectiva masculina, considerando que as posições de poder eram ocupadas tradicionalmente por homens, e as pessoas que deram origem à filosofia foram genericados no masculino. As mulheres ficaram à margem do registro histórico inicial, até porque os papéis de gênero que lhe eram atribuídos não permitiam que participassem publicamente da ágora. Isso não quer dizer que não existiram mulheres que tenham ocupado essa posição ou que nenhuma mulher tenha auxiliado no desenvolvimento do pensamento filosófico, mas pode-se imaginar que as existentes – porque mulheres sempre pensaram - foram invisibilizadas por questões culturais e sociais. A exclusão não se

limitou ao período inicial da história da filosofia, mas se estendeu e se estende até os dias de hoje. E embora existam diversas mulheres que são consideradas expoentes na filosofia mais recente, como Hanna Arendt e Simone de Beauvoir, o viés sexista de alguns filósofos, que se deixaram levar pelas convenções sociais de suas épocas, não é discutido de forma ampla, e não se pode discutir as ideias filosóficas desvinculando-se das convicções pessoais dos pensadores, que fazem parte de sua dimensão humana. A adesão ao nazismo, por exemplo, prejudicou muito a confiança que se depositava no pensamento de Martin Heidegger, uma vez que tal regime, com suas atrocidades, foi e é ferozmente repudiado como polêmica aberta. Por isso se vislumbra como necessária a discussão sobre o sexismo na filosofia, a começar por Emmanuel Lévinas, que desenvolveu uma filosofia que muito se aproxima de um mundo utópico, através da ideia da alteridade absoluta. A crítica precisa ser feita para expurgar ideias subjacentes aos textos e avançar na cultura da igualdade entre os gêneros. É isso que motiva e justifica o presente estudo.

## 1 A FILOSOFIA E AS MULHERES

A tradição filosófica e religiosa sempre reservou às mulheres um papel secundário, auxiliar, complementar, como se o corpo e a alma feminina tivessem certas carências que o colocassem em segundo plano, relativamente ao homem. Somente mais recentemente é que se começou a questionar as justificativas apresentadas para essa desvalorização da figura feminina.

Simone de Beauvoir é uma das filósofas que faz essa crítica e que inaugura uma polêmica específica com Lévinas, partindo de uma impressionante digressão acerca da descrição do feminino na filosofia clássica em *O Segundo Sexo* [*Le Deuxième Sexe*]. Nessa obra a autora questiona inicialmente o que é uma mulher. Para responder essa pergunta, no primeiro volume, intitulado “Fatos e Mitos”, é dividido em três partes distintas:

destino (perspectivas biologicista, psicanalítica e do materialismo histórico), história e mitos, onde analisa inclusive a figura da mulher retratada na literatura e nas artes. O segundo volume (“A Experiência Vivida”) é dividido em quatro partes. A primeira parte aborda a formação da mulher: infância, juventude, a iniciação sexual e o lesbianismo. A segunda analisa a situação da mulher na sociedade: a mulher casada, a mãe, a vida social, prostitutas e cortesãs, maturidade e velhice, o caráter da mulher. A terceira parte é chamada de justificações: as explicações apresentadas são sobre a mulher narcisista, a apaixonada e a mística. Por fim, a quarta parte tem um título instigante: a caminho da libertação, abordando como a mulher pode se tornar independente. A obra, que foi publicada inicialmente na França em 1949, quando a mulher ainda era social e juridicamente muito dependente do homem, em especial do marido ou do pai, consagrou definitivamente a filósofa no contexto mundial, e ainda se mostra atual em diversos aspectos, especialmente em sua análise filosófica sobre os desequilíbrios de poder entre os gêneros e na demonstração de como as mulheres ocupam no mundo a posição de O Outro, algo negativo. A obra constitui um marco relevante na teoria feminista e a autora não menos: embora não se reconhecesse como feminista, não se pode falar em feminismo sem citar a emblemática frase atribuída a Beauvoir: não se nasce mulher, torna-se mulher.

Pois bem. Em sua análise das falas dos filósofos sobre a mulher, Beauvoir relata que Pitágoras argumentava quanto à existência de princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher (BEAUVOIR, 2016a, p. 7), enquanto Platão agradecia aos deuses em primeiro lugar por ter sido criado livre, e não escravo, e em segundo lugar por ser homem, e não mulher (BEAUVOIR, 2016a, p. 18). Aristóteles afirmava que a fêmea seria fêmea “em virtude da carência de certas qualidades” (BEAUVOIR, 2016a, p. 12); o mesmo filósofo ainda afirma que se deveria considerar

o caráter das mulheres como sofrendo de certa “deficiência natural” (BEAUVOIR, 2016a, p. 12). Na mesma linha teriam seguido Tomás de Aquino, defendendo que “a mulher é um homem incompleto, um ser ocasional” (BEAUVOIR, 2016, p. 12), e Santo Agostinho, que declarava a mulher como “um animal que não é nem firme nem estável” (BEAUVOIR, 2016a, p. 19).

Magali Menezes traz outras falas de filósofos que ela pensa que desconsideravam a figura feminina, especialmente em relação à sua capacidade de pensar. Ela informa que Descartes afirmava ter escrito o *Discurso do Método* de forma simples para que *até as mulheres* pudessem compreender; que Rousseau, ao colocar a natureza como paradigma legitimador, asseverou que o lugar da mulher é o da natureza, uma vez que ela deve ser controlada e domesticada; e que Kant comentou que “para as mulheres poderem pensar terão que ter barba” (2015, p. 69-70).

Não se pode esquecer que filosofia e religião muitas vezes estiveram emaranhadas, e em muitos casos a justificativa para o descrédito do feminino vem justamente da religião. Assim, em suas preces matinais, os homens judeus dizem “bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher” (BEAUVOIR, 2016a, p. 18), enquanto as mulheres respondem de forma resignada “bendito seja o Senhor que me criou segundo a sua vontade” (BEAUVOIR, 2016a, p. 18). Beauvoir afirma que as religiões criadas pelos homens sempre refletiram a vontade de domínio do masculino sobre o feminino, com argumentos nas lendas e relatos, como o mito de Pandora (somente uma mulher para soltar todos os males no mundo) e o relato bíblico de Eva, que teria trazido o pecado ao mundo e corrompido Adão; assim, os homens colocaram “a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios” (BEAUVOIR, 2016a, p. 19).

Mas nem todos os filósofos seculares ou religiosos defendem a subalternização do feminino. Stella Leon (2010) faz um apanhado do feminismo na obra do filósofo e teólogo francês

François Poulain de la Barre (1647-1725), integrante de um grupo de filósofos que abandonou a cautela de Descartes em assuntos políticos e religiosos, aplicando a crítica racionalista a todos os âmbitos intelectuais e sociais, desmontando os fundamentos do pensamento tradicional e se dedicando especificamente a três temas: a língua francesa, o que representaria seu compromisso com a modernidade, a igualdade dos sexos no contexto da ideia de igualdade para todas as pessoas e a necessidade de um livre exame individual em matéria de religião (LEON, 2010, p. 259). Esse filósofo publicou três livros considerados feministas: *A Igualdade dos Dois Sexos* [*De l'Egalité des deux sexes*], *Sobre a Educação de Mulheres para a Conduta do Espírito na Ciência e nos Costumes: entrevistas* [*De l'Education des Dames pour la conduite de l'esprit dans les sciences et dans les mœurs: Entretiens*], e *Da Excelência Masculina, Contra a Igualdade de Gênero* [*De l'Excellence des Hommes, contre l'égalité des Sexes*], nos quais trata o tema da igualdade dos sexos tendo como pano de fundo a questão da igualdade de todos os seres humanos (LEON, 2010, p. 261). Beauvoir atribuiu-lhe a frase “tudo que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte” (BEAUVOIR, 2016a, p. 18).

A própria Beauvoir, uma das mais conhecidas filósofas do feminismo do século XX, justifica inicialmente em sua obra mais conhecida, *O Segundo Sexo*, que hesitou muito tempo em escrever um livro sobre a mulher porque o assunto não era novo e a “querela do feminismo”<sup>1</sup> já dera muito o que falar, incluindo

---

<sup>1</sup> A respeito da querela do feminismo, Stella Leon (2010, p. 259) esclarece que a questão feminina foi um assunto importante e polêmico desde o final do século XVI, tratado desde a literatura galante à literatura abertamente misógina, ridicularizado em Molière e muitos outros detratores. A *querelle de femme* citada por Beauvoir como já demasiadamente debatida teria uma longa história que passava pela proibição das mulheres de terem acesso ao poder, pela luta das mulheres para serem ouvidas, educadas, para obter acesso ao conhecimento nas academias, etc., sendo que durante séculos existiram debates sobre o local que correspondia a cada sexo. Leon afirma que no século XVII “trios de tinta correram a favor e contra o processo” (2010, p. 259), argumentando sobre a forma e a necessidade de educar as meninas. Desse contexto, supõe-

“volumosas tolices” ditas no último século, sem esclarecer a questão (BEAUVOIR, 2016a, p. 9). E afirma, de modo enfático, que “ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade”, pois “os que não se intimam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante” (BEAUVOIR, 2016a, p. 22). Possivelmente, inclusive (RODRIGUES, 2011, p. 375), essa obra teria sido escrita em grande parte para refutar as ideias de Emmanuel Lévinas sobre o feminino em sua teoria da filosofia da alteridade, onde se coloca a mulher como o outro do homem.<sup>2</sup> Beauvoir questiona a ideia proposta por Lévinas de que a mulher seria o *outro* do homem, que o feminino seria o *absolutamente outro*, e que a alteridade se realizaria no feminino, afirmando supor que ele não teria se esquecido que a mulher é igualmente consciência para si, e não somente para o homem, mas que ficava impressionada como o autor adotava em sua obra, de forma deliberada, um ponto de vista de homem “sem assinalar a reciprocidade do sujeito e do objeto”, e que “quando escreve que a mulher é mistério, subentende que é mistério para o homem”, descrição que se apresenta com uma intenção objetiva mas que, na realidade, é uma afirmação do privilégio masculino (BEAUVOIR, 2016a, p. 13).

Para analisar se é possível atribuir a um dos grandes filósofos da modernidade um papel sexista e segregador das mulheres é necessário analisar não só suas falas, mas também sua vivência. Diversos filósofos se deixaram levar pelas convenções sociais de suas épocas, sendo produto de seu meio; mas o papel da filosofia está em trazer para o debate aquilo que permanece subjacente e soa como verdade universal, não sendo aceitável

---

se, nasce o desabafo inicial de Beauvoir quanto à sua hesitação em escrever mais uma obra a respeito dessa temática, que ela considerava demasiadamente debatida, mas que ainda não estava resolvida.

<sup>2</sup> Posteriormente, Lévinas teria respondido à crítica de Beauvoir com a obra *Totalidade e Infinito* (RODRIGUES, 2011, p. 375).

imaginar que um filósofo se deixe levar pelo senso comum. Além disso, como dito acima, não se pode discutir as ideias de um pensador desvinculadas das suas convicções pessoais, que fazem parte de sua dimensão humana e podem ratificar ou não sua credibilidade. Emmanuel Lévinas desenvolveu uma filosofia quase utópica quando defende a ideia da alteridade absoluta e da responsabilidade do eu pelo outro, mas deixa entrever em sua fala certas expressões que foram já apontadas como indicadores de sexismo. Somente após expurgada essa questão será possível responder se sua filosofia pode subsidiar avanços na ideia de igualdade entre os gêneros.

## 2 EMMANUEL LÉVINAS E A FILOSOFIA DA ALTERIDADE

Emmanuel Lévinas nasceu em 1906, na Lituânia, então território russo, e morreu em Paris em 1995. Era o primogênito de uma família judia burguesa, filho do proprietário de uma livraria. Recebeu estudos bíblicos do judaísmo desde os seis anos de idade, o que influenciou seu pensamento, tendo escritos tanto de ordem filosófica quanto de ordem religiosa, esses especialmente dedicados ao estudo do Talmude. Ao longo da vida foi obrigado a emigrar em decorrência da tomada de sua cidade natal pelos alemães durante a I Guerra Mundial, tendo ainda presenciado de perto a Revolução Russa, em 1917. Após concluir seus estudos de nível médio se mudou para a França, em 1923, a fim de estudar na Universidade de Estrasburgo, onde se aproximou do pensamento dos grandes filósofos e acabou se naturalizando francês. Primeiramente se aproximou da fenomenologia tanto de Edmund Husserl quanto de Martin Heidegger, mas rompeu com esse filósofo após sua adesão ao nazismo, regime político do qual o próprio Lévinas foi uma dentre milhares de vítimas: como prisioneiro de guerra, foi levado para a Alemanha, declarado judeu e compelido a permanecer em um campo de

concentração. Com base na experiência de vida e em seu sofrimento pessoal o filósofo “construiu as bases para a reação à crise da humanidade que ele testemunhou no Século XX” (CAMILLO, 2016, p. 37-40).

Lévinas, em breves palavras, defende a ética como a filosofia primeira. Ética, para ele, era experiência, “experimentar-se através da transcendência da ideia de infinito que é o outro”, e o instrumento para a relação ética com o outro seria a linguagem, através da relação com o rosto, da relação face-a-face. Esse rosto não teria traços para o identificar, seria sem face traria estampado em sua face o chamado de Deus, um Deus que se mostra como “um apelo ético para que se evidencie essa abertura na qual a relação com o outro se dá” (HADDOCK-LOBO, 2010, p. 76-78).

O papel do Outro na obra de Lévinas é crucial: essa disponibilidade existencial para um Outro cumpre um papel humanizador, uma vez que o Outro se apresenta diante do sujeito ético como *um rosto irredutivelmente outro*, que o obriga ao desprendimento. Uma reflexão que nos conduza a coincidir com o que já somos é uma reflexão inválida, porque o outro não fez sua intervenção autêntica: o outro só é plenamente outro quando tem por consequência fraturar o Nós, quando não o deixa incólume. O Outro torna o Eu mais humilde e o infiltra com suas dúvidas, convida-o a desconhecer-se e a abandonar suas certezas, dentre elas a de sua superioridade moral. Assim, Lévinas introduz “o valor ético daquilo que nos desconfirma, ou seja, o valor ético da alteridade” - e essa ética, vista como um salto em direção ao Outro, é o que “nos arranca de sermos nós mesmos e nos salva da coincidência com o que já somos” (SEGATO, 2006, p. 226-227).

Mas quem é esse Outro descrito pelo filósofo? Em sua obra inicial, a mulher, o feminino, é identificado como o Outro em relação ao Eu, como a alteridade por excelência (definição essa que levou à discussão entre Beauvoir e Lévinas, referida no

item antecedente). Mas a mulher e o feminino aparecem também em outras etapas de sua obra, e com outras molduras, como se verá a seguir.

Magali Mendes de Menezes faz o que se pode conceituar como uma busca arqueológica dos vestígios do feminino no texto levinasiano, investigando essa presença em três das obras principais, que apresenta como três fases diversas do autor: a primeira referência se dá na obra *De l'Existence à l'Existant* [*Da Existência ao Existente*], de 1947, texto escrito parte antes da guerra e parte depois, onde a figura do feminino “surge como um conceito que aos poucos vai assumindo uma importância ímpar” (MENEZES, 2008, p. 15) na obra do filósofo. Questionando o que é o ser, esse texto visa acompanhar o nascimento do sujeito, do Eu, que é considerado pelo autor como insuficiente, em razão da solidão em que se encontra. O Eu então é salvo da solidão pelo feminino, que lhe apresenta um futuro: enquanto o Eu viril é a egoidade por excelência, o feminino é o Outro por excelência, a própria Alteridade. Essa Alteridade mostra ao Eu um mundo que não é feito de solidão nem de terror. A relação com o Outro se dá na relação erótica – o Eu se revela como pai, o Outro é o feminino fecundo, que tem como tarefa trazer o Filho (MENEZES, 2008, p. 15-19). O Outro representado pela face feminina é tudo aquilo que o Eu não é: fraco, pobre, é a viúva e o órfão, o estrangeiro e o inimigo, e ao mesmo tempo o poderoso; já o Filho, o terceiro, aparece como aquele que não permite a solidão a dois e faz com que se olhe para o mundo, como quem deve ser cuidado e alimentado, inaugurando a responsabilidade do Eu frente às necessidades do político (HADDOCK-LOBO, 2010, p. 85-87). Marta Palacio, afirmando fazer uma leitura feminista da obra, entende que nesse primeiro momento, na obra da sua juventude, Lévinas desenvolve uma consideração que ela considera como positiva da mulher e do feminino, ao classificá-la como *alteridade por excelência* (HADDOCK-LOBO, 2010, p. 3).

A segunda fase da figura do feminino surgirá na obra *Le Temps et l'Autre* [*O Tempo e o Outro*], de 1948, conjunto de conferências proferidas entre 1947 e 1948. Aqui o Eu aparece como um sujeito que vai, aos poucos, fragilizando-se e perdendo sua virilidade diante da estranheza e do mistério da morte, que o coloca diante do desconhecido e impede a permanência, a manutenção do sujeito; mas “a vitória do Eu diante da morte se dá no Eros, através do encontro com o outro, com o feminino” (MENEZES, 2008, p. 22). O feminino também é mistério e completamente outro, “capaz de desestruturar a rotina da identidade, mostrando algo que é incognoscível” (MENEZES, 2008, p. 23); e essa relação erótica com o feminino, que é fecundo, é que se abre a possibilidade da paternidade e se inaugura no filho, que é externo ao pai, mas que também se confunde com ele, a possibilidade de um existir pluralista: o eu vive a possibilidade de transcendência – o feminino ensina o sentido da diferença (MENEZES, 2008, p. 23).

Na obra *Totalidade e infinito*, de 1961, a questão do feminino vai aparecer em dois momentos precisos: o primeiro momento é a figura da *casa*, que aparece como metáfora de uma dimensão humana; a separação absoluta do sujeito só existirá na construção da interioridade, quando ele conseguir se sentir em casa, quando puder habitar um lugar seguro para repousar, um lugar em que deixe de ser estrangeiro, em que encontre intimidade através da acolhida por alguém que já habitava ali antes dele, “como se estivesse preparando esse lugar para ser morada” – esse alguém é a mulher, o rosto feminino, que é doçura e familiaridade (MENEZES, 2008, p. 26). A seção II, letra D (A Morada), item 2, se chama A habitação e o feminino (LÉVINAS, 1980, p. 137-139). O filósofo esclarece que o Outro tem uma presença que “é discretamente uma ausência e a partir da qual se realiza o acolhimento hospitaleiro por excelência que descreve o campo da intimidade, é a Mulher. A mulher é a condição do recolhimento, da interioridade da casa e da habitação”

(LÉVINAS, 1980, p. 138). Portanto, o Outro é a Mulher, hospitalidade por excelência, acolhedor em si. O segundo aparecimento do feminino se dá na última parte da obra, que tem o título *Para além do Rosto*, onde o Outro é o da relação erótica e tem um rosto específico, que é o rosto feminino; o Outro é a Amada, o feminino, enquanto o Eu se mostra como o masculino (e, portanto, o amado). A Amada é “descrita como ternura, fragilidade, vulnerabilidade, como um ‘não-ser-ainda’”, e também como “a equivocidade por excelência”, sem significação em si mesma (MENEZES, 2008, p. 28). O rosto feminino é insignificância; mais além, o filósofo coloca a Amada como alguém que regressa à infância, que vive o mundo sem o peso das responsabilidades, como “uma animalidade irresponsável que não diz verdadeiras palavras” e retorna à posição da criança sem responsabilidade, deixando seu estatuto de pessoa (MENEZES, 2008, p. 29). Estranhamente, nessa forma de se esconder que o feminino assumiria sua força, ao impedir “doce e suavemente” a “violência viril do Amado”, efeminizando o Eu masculino, através da relação erótica, que vai fundar a Paternidade – com introdução do Outro completamente Outro que é o filho, onde o pai vai realizar sua transcendência (MENEZES, 2008, p. 28). Como a paternidade só se realizada pela fecundidade da maternidade, o feminino é o responsável pela transcendência do eu. A transcendência pelo filho permite ao mesmo tempo vencer a morte e ser outro<sup>3</sup> (MENEZES, 2008, p. 29). Palacio afirma que nessa obra a relevância da ética desloca o erótico para o plano do íntimo, onde a alteridade feminina é um misto de modéstia e atrevimento e tem um significado ambíguo, e que ao expor a fenomenologia de Eros na quarta seção da obra, a descrição da mulher amada e do rosto feminino é caracterizada por forte tom sexista; além disso, ele expõe duas noções contraditórias sobre a mulher e o

---

<sup>3</sup> Ao mesmo tempo, o filho é utilizado como metáfora para o próximo, viabilizando uma implicação política para seu pensamento, pois sem a ética (do terceiro) não haveria a justiça (do próximo) e vice-versa (HADDOCK-LOBO, 2010, p. 84).

feminino: a mulher como “casa” ou hospedeira, funcional para a separação do sujeito e, portanto, condição de ética; e a mulher como “a amada” do sujeito erótico, visivelmente masculino (HADDOCK-LOBO, 2010, p. 4).<sup>4</sup>

Mas Lévinas vai analisar a figura e o papel da mulher também em outro campo, o religioso, em seus estudos talmúdicos, que vão influenciar suas concepções filosóficas. Ele considerava que a sabedoria talmúdica transmitia uma antiga sabedoria, contendo palavras para a vida contemporânea (PALACIO, 2008, p. 143-144); estudou sistematicamente o Talmude em suas línguas originais, hebraico e aramaico, e a influência desses escritos na primazia ética de sua filosofia foi decisiva, e a importância de tais textos na sua interpretação do mundo e da história acabou por ser determinante para a inspiração e orientação de seu pensamento (PALACIO, 2008, p. 147-148). Desse modo, a concepção de Lévinas sobre a mulher e o feminismo está profundamente enraizada na tradição judaica, o que pode ser constatado, por exemplo, pelo ensaio talmúdico publicado em 1960 chamado *O Judaísmo e o Feminino*, onde realiza considerações sobre a mulher no pensamento judaico em categorias que vão aparecer, sem grandes variantes, nos textos filosóficos em que tematiza sobre a mulher (PALACIO, 2008, p. 149), e também na conferência denominada *E Deus criou a mulher*, onde comenta passagens do Talmude e que deu origem a diversos debates sobre o viés sexista de sua obra (RODRIGUES, 2011, p. 377; VILLARMEA, 1995, p. 157). Mas há quem defenda que ele nunca “procurou a fusão entre a teologia e a filosofia” e que “seus estilos sugerem, em verdade, a coexistência de dois pensadores

---

<sup>4</sup> A autora ainda descreve o que considera como um momento posterior, da culminação do período de maturidade, marcado pela concepção de uma ética entendida como profetismo não ontológico em que a tematização da mulher e do feminino, do erotismo e da fertilidade quase desapareceu por completo; e assevera que em sua obra de 1974 (*De outro modo de ser*) existem apenas breves alusões à “doação maternal” da subjetividade sensível e da substituição ética pelo outro, metaforicamente representada pelo útero e útero materno (MENEZES, 2010, p. 4).

distintos: um Lévinas filósofo e um Lévinas estudioso judeu” (CAMILLO, 2016, p. 41).

Em seu texto intitulado *O Judaísmo e o feminino*, publicado em 1960, Lévinas traça a figura do feminino a partir de personagens bíblicas como Miriam, Débora e Noemi; vincula a figura da mulher à casa e assevera que sua presença secreta foi o que permite a harmonia doméstica; chama-as de gênios do lar e afirma que restaurar o equilíbrio seria a função ontológica do feminino, a vocação daquele “que não vence” (LÉVINAS, 2004, p. 123). Mais adiante, falando do movimento de emancipação feminina, afirma existe uma verdade talmúdica que reserva a prioridade para o masculino (LÉVINAS, 2004, p. 126) e que o feminino é ambivalente, se revela como fonte de toda a perdição e que de acordo com um texto extremista o próprio diabo teria sido criado com ela (2004, p. 129).

No texto *E Deus criou a mulher*, Lévinas apresenta uma explicação sobre o sentido da diferenciação sexual entre os seres humanos partindo do texto bíblico sobre a criação da mulher a partir da costela de Adão. Referido texto tem o seguinte teor: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão” (GÊNESIS 2: 21-22). De acordo com Stella Villarmeia, a tese desenvolvida pelo filósofo é que homens e mulheres são iguais porque pertencem ao gênero humano, mas a mulher, enquanto mulher, só aparece em sentido de ser sexual para completar o homem; então, a diferenciação sexual indicaria uma hierarquia entre os sexos, e nessa hierarquia o homem ocupa um lugar privilegiado, porque foi o primeiro a ser criado. Argumentaria o estudioso, ainda, que com o homem veio ao mundo a humanidade; com a mulher, a sexualidade e o prazer (para o homem); logo, o ser humano é humano em razão da criação do primeiro homem. Complementa ainda essa tese a argumentação que a mulher foi criada como

uma mediadora para a vida cotidiana e biológica, enquanto o homem é o mediador para a vida espiritual, ocupando um lugar mais elevado. Mas, conclui ele, o feminino está em uma posição suficientemente boa nesta hierarquia de valores: está em segundo lugar (VILLARMEA, 1995, p. 177). A partir dessa última afirmativa já se pode antever a criação de uma celeuma com o movimento feminista, ou, ao menos, parte dele, como se verá a seguir.

### 3 E FOI CRIADA A DISCÓRDIA...

No debate feminista, a análise do feminino por Lévinas é apontado por um grupo que inclui Jacques Derrida como uma reivindicação da diferença e um apelo em favor do feminino como diferença (PALACIO, 2008, p. 479-480). Derrida reconhece que é possível enxergar uma “atribuição tradicional e androcêntrica de certos traços à mulher”, como interioridade privada, domesticidade apolítica, a definição da mulher como sociedade sem linguagem, dentre outras, mas afirma que também é possível tentar fazer uma outra leitura, confiando “a abertura do acolhimento ao ‘ser feminino’ e não às mulheres empíricas de fato” (PALACIO, 2008, p. 59-60). Outros autores, dentre eles Beauvoir, já afirmam que o filósofo faz uma análise a partir de uma posição do sujeito masculino que reafirma de modo complexo a visão patriarcal e sexista das mulheres, embora faça isso de forma ambígua (PALACIO, 2008, p. 479-480). Beauvoir assevera que é impressionante como Lévinas adota deliberadamente um ponto de vista de homem sem assinalar a reciprocidade entre sujeito e objeto, descrição que se revelaria objetivamente como uma afirmação do privilégio masculino (BEAUVOIR, 2016a, p. 13). De qualquer modo, conforme Palacio, existe uma animada “polêmica feminista”, inacabada e sempre renovada, protagonizada principalmente por mulheres filósofas francófonas e/ou estadunidenses, surgida a partir da recepção da

noção levinasiana do feminino como alteridade por excelência, e que se concentra principalmente em dois debates: a noção da mulher como “o outro” ou “alteridade por excelência” e sobre a disputa quanto ao alcance do significado do feminino na obra do autor (PALACIO, 2008, p. 35). Ela ainda destaca como as expressões que ele usa para a descrição da mulher são metáforas comuns da tradição filosófica masculina: a mulher é definida como ausência, presença discreta, silenciosa, mistério, escuridão, passividade, intimidade, morada, domesticidade, mediação para a fertilidade, recepção, sem linguagem (PALACIO, 2008, p. 479/480).

De outro lado da polêmica estão os que argumentam que Lévinas colocava a mulher em uma posição positiva ao defini-la como alteridade por excelência; sua intenção seria arrancar a mulher da esfera de luminosidade da razão e do sujeito viril, colocando-a como mistério, como alteridade que rompe a onipotência do sujeito racional moderno, embora ele mesmo nunca tenha esclarecido de forma adequada essa questão (PALACIO, 2010, p. 7) – seu próprio pensamento, pode-se dizer, era também misterioso, comportando interpretações dúbias. A grande maioria dos comentaristas de Lévinas (e mesmo ele) minimizaram ou ignoraram abertamente a preocupação feminista sobre a posição sexista da mulher e do feminino na obra (PALACIO, 2010, p. 7). Isso também pode ser visto como algo comum, quando se fala de debate feminista, pois muitos passam à margem do debate sobre os problemas de gênero, colocando-os em segundo plano, ou porque os consideram como de menor importância, ou porque não se acham habilitados a enfrentar a questão.

Entre aqueles que apontam a obra do filósofo como sexista, está Villarrea, que questiona como a igualdade dos sexos poderia surgir a partir de uma perspectiva que dá prioridade expressa ao masculino (VILLARREA, 1995, p. 172). Partindo da análise do estudo talmúdico *E Deus criou a Mulher*, ela argumenta que interpretar a situação histórica de privilégio

masculino não como um abuso de poder, mas como uma situação merecida e justa, é muito grave (VILLARMEA, 1995, p. 178). Pontua que não é possível ler a obra do filósofo descontextualizando seu pensamento geral, uma vez que suas opiniões pessoais não podem ser extirpadas do conjunto de sua obra, e apresenta um argumento muito relevante para questionar a validação da perspectiva de Lévinas sobre o feminino, e mesmo daqueles que defendem seus argumentos: afirma que ao escolher uma determinada abordagem e legitimá-la, alguns estudiosos ignoram as demandas por igualdade e respeito que mulheres e homens têm defendido e, assim, contribuem ativamente para a opressão; ressalta também que o papel ativo de alguns filósofos na opressão das mulheres é especialmente eficaz porque suas ideias são apresentadas com grande habilidade e são acompanhadas do *argumento de autoridade* (VILLARMEA, 1995, p. 184-185). Sua fala é potente e merece ser levada em consideração na análise do discurso filosófico de Lévinas.

Carla Rodrigues analisa a perspectiva adotada por Simone de Beauvoir, asseverando que a pensadora francesa teria tomado Lévinas como exemplo de desvalorização das mulheres no contexto de um pensamento que afirmava o sujeito como masculino e secundarizava o outro como feminino; ela teria escrito *O Segundo Sexo* em grande parte como resposta às ideias dele, e Lévinas teria lhe respondido com suas ideias sobre o feminino em *Totalidade e Infinito* (2011, p. 374-375). E, de fato, em *O Segundo Sexo* Beauvoir argumenta que a humanidade é masculina, sendo que o homem representa ao mesmo tempo o positivo e o neutro: falar em *homens* designa a categoria de seres humanos. Já a mulher aparece como o negativo: tudo lhe é imputado como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 2016a, p. 9). O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é O Outro, o Contrário Absolutamente Contrário. A alteridade se realiza no feminino, e Lévinas não reconhece a reciprocidade das relações quando um dos termos se impõe como o único essencial

(BEAUVOIR, 2016a, p. 10). Afirma, ainda, que em muitos casos a mulher se sujeita em ser o Outro, se colocando em uma posição de submissão, pois recusar ser o Outro, recusar essa cumplicidade com o homem, equivaleria para a mulher a renunciar todas as vantagens que a aliança com a *casta superior* (masculino) pode lhe conferir (BEAUVOIR, 2016a, p. 17).

A grande questão que se propõe decifrar - se Lévinas era de fato sexista - se apresenta como uma questão que não é respondida de forma suficiente até hoje, embora o debate já se estenda por décadas. O próprio filósofo faleceu sem esclarecer de forma definitiva a questão. Para Palacio, ele ingressou (talvez inadvertidamente) no invisibilizado processo histórico-cultural da construção de papéis sexuais e as expectativas assentadas sobre a diferença sexual biológica, o que gerou toda a polêmica. Ao fixar a mulher em predicados como intimidade, debilidade e mistério em virtude justamente da diferença sexual ele pareceu não se dar conta que partia de uma posição androcêntrica, e ao longo dos anos sua escrita foi se tornando “degradantemente sexista”: na quarta parte de *Totalidade e Infinito* usa adjetivos e metáforas que são altamente depreciativas, como “animalidade irresponsável” (PALACIO, 2010, p. 6), e nesse ponto de sua obra despoja a mulher do status privilegiado de ser a *alteridade por excelência* que havia usado nas obras da juventude para a converter em uma *alteridade equivocada*, ou o *equivoco por excelência* (PALACIO, 2010, p. 7).

De acordo com Rodolphe Calin, o filósofo adotou uma atitude ambígua quando cedeu ao preconceito androcêntrico (o homem que ampara a mulher dependente) e ao mesmo tempo faz o elogio ao feminino (lugar de acolhida e de morada) (*apud* MENEZES, 2008, p. 27), o que marcaria essa dualidade de pensamento e que permite e alimenta o debate. Para Menezes, Lévinas indica a mulher como pessoa submissa e dotada de uma animalidade irresponsável, e embora afirme que *nessa fraqueza está sua força*, essa visão estereotipada da mulher foi o que

possibilitou a dominação patriarcal ao longo dos tempos (MENEZES, 2008, p. 29). Marta Palacio vai mais longe quando afirma que a escrita de Lévinas perpetua a dialética do sexismo da tradição (PALACIO, 2010, p. 7) – e, portanto, sua obra, embora fale de alteridade e de responsabilidade pelo outro, acaba sendo justificadora do sexismo.

Analisando sob outra perspectiva, Menezes argumenta que falar do feminino não é falar apenas das mulheres e falar do masculino não se relaciona necessariamente aos homens, mas é falar de um tempo em que o humano é feito de feminino e masculino (MENEZES, 2008, p. 32). Rodrigues assevera que Mulher e Feminino são termos equivalentes, mas que falar de feminino não é falar da mulher empírica (RODRIGUES, 2011, p. 373), pois Lévinas buscou nas reflexões sobre diferença sexual a impossibilidade de afirmação do neutro como sinônimo de humano, e embora tenha feito isso em uma matriz androcêntrica, isso não deve impedir de reconhecer a importância de um pensamento que desde muito cedo associou feminino, alteridade e ética (RODRIGUES, 2011, p. 384).

Já Derrida argumenta que embora o filósofo tenha usado uma matriz androcêntrica seria possível ampliar o feminino *para além da mulher*, vendo as proposições do feminino como abertura à alteridade, radicalizando a ideia de abertura ao outro (RODRIGUES, 2011, p. 372)<sup>5</sup>. Quando se vai à obra de Derrida, constata-se que ele indaga quanto à necessidade de escolher

---

<sup>5</sup> Jacques Derrida teve uma relação muito próxima com Lévinas, como se deduz da obra *Adeus a Emmanuel Lévinas*, escrita a partir do discurso de despedida proferido pelo primeiro quando da morte do segundo. Essa questão é esclarecida na introdução do livro: “‘Adeus’ foi um discurso pronunciado por ocasião da morte de Emmanuel Lévinas, em 27 de dezembro de 1995, no cemitério de Pan Tin. Jamais teríamos ousado publicar tais palavras, arrancadas apressadamente à tristeza e à noite [...]” (DERRIDA, 2008, p. 8). Mais adiante: “Há muito tempo, há tanto tempo, eu temia ter de dizer Adeus a Emmanuel Lévinas. Sabia que minha voz tremeria no momento de fazê-lo, e sobretudo de fazê-lo em voz alta, aqui, diante dele, tão perto dele, pronunciando esta palavra de adeus, esta palavra ‘a Deus’, que de uma certa maneira, recebi dele, esta palavra que ele me ensinou a pensar ou a pronunciar de outra forma” (DERRIDA, 2008, p. 75).

entre duas leituras incompatíveis, uma hipérbole androcêntrica e uma hipérbole feminista, questionando se existe lugar para tal escolha na ética, na justiça, no direito ou na política. Para ele, nada é menos seguro, e na filosofia levinasiana se deve lembrar que o “pensamento do acolhimento, na abertura da ética, será necessariamente marcado pela diferença sexual” (DERRIDA, 2008, p. 61), e essa diferença não será jamais neutralizada: o acolher por excelência é feminino, tem seu lugar num lugar não apropriável, “numa ‘interioridade’ aberta da qual o senhor ou o proprietário recebe a hospitalidade que em seguida ele queria dar” – isso porque o acolhimento “pertence à ‘dimensão de feminilidade’ e não à presença empírica de um ser humano do ‘sexo feminino’”, como já havia sido antecipado pelo próprio Lévinas na obra *Totalidade e Infinito* (2008, p. 60-61). Portanto, o falar seria simbólico das dimensões do humano, e não dos sexos propriamente ditos, o que afastaria mesmo a necessidade de se distinguir se o discurso seria ou não sexista.

O que se pode concluir, sem nada concluir de forma efetiva, é que não há como cravar de forma afirmativa ou negativa que ele fosse sexista, uma vez que sua escrita se manifesta de forma dúbia ao longo de toda sua vida a respeito das diferenças sexuais, e existe uma variação de posturas quando se trata do filósofo ou do religioso, embora as duas dimensões não possam ser propriamente separadas em sua obra e em sua vida. Em texto de 1982 ele próprio asseverou que *talvez* as diferenças ontológicas do feminino e masculino *pareceriam* menos *arcaicas* se quisessem significar que a participação no masculino e no feminino fosse própria de todo ser humano (*apud* MENEZES, 2008, p. 20). Mas o uso da linguagem no condicional fica longe de espantar as dúvidas e de afastar o fantasma do sexismo, que estará sempre sob sua escrita, como um palimpsesto metafórico.

De qualquer modo, como bem aponta Palacio, a proposta da ética da alteridade, uma vez depurada do aspecto sexista, abre ao feminismo possibilidade para dialogar sobre questões de

convivência ética e política em um mundo afligido pela violência e pelo terror (PALACIO, 2010, p. 8). Lévinas foi um homem de seu tempo, perpassado por questões pessoais, como a passagem pelo campo de concentração, a perda de familiares para o nazismo e os estudos judaicos. Portanto, deve-se retirar de seu pensamento a boa essência, que defende a responsabilidade pelo outro (seja ele quem for), pontuando que a ética é a filosofia primeira e deve guiar o comportamento humano, o que tem potencial efetivo de auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas escolas filosóficas apresentaram, ao longo da história, tendência em subestimar a posição das mulheres dentro do pensamento filosófico e também em termos sociais, colocando-a muitas vezes quase como equiparada às crianças – lembrando que a mulher muitas vezes foi inserida no mesmo espaço, inclusive jurídico, das figuras da criança, dos loucos de todo gênero e do silvícola/selvagem, sempre pensando em desautorizar e rebaixar esses grupos que ao longo dos tempos são vulneráveis. Essa evolução está em conformidade com o papel social tradicionalmente ocupado pelas mulheres, que, em sociedades patriarcais, não detinha poder de agência para que pudesse manifestar de forma autônoma seus pensamentos e participar do debate público. O discurso filosófico, assim, acabou por assumir, muitas vezes, um papel sexista e mesmo segregador das mulheres. Isso não se restringiu os primeiros séculos do pensamento filosófico. Mesmo na segunda metade do século XX, no discurso filosófico pós-guerra, repetem-se termos que podem ser vistos como sexistas e excludentes do feminino, tendentes a colocar a mulher como cidadã de segunda classe.

Emmanuel Lévinas, um dos grandes nomes da filosofia francesa e mundial, autor da filosofia da alteridade, foi um dos

que causaram um grande debate filosófico, ao posicionar a mulher e o feminino como alteridade por excelência. Simone de Beauvoir iniciou o debate, com a publicação da obra pela qual ficou mais conhecida, *O Segundo Sexo*, e ao longo das décadas seguintes a querela ainda não foi encerrada: alguns o enquadram como sexista e androcêntrico, em especial quando se analisa também as obras em que ele desenvolvia estudos talmúdicos, enquanto outros defendem que o uso das expressões feminino e mulher foi de forma figurativa ou metafórica, querendo se referir à dimensão feminina do humano, sem qualquer intenção de desprestigiar a mulher enquanto mulher. Como o próprio Lévinas nunca esclareceu a questão de forma direta, o debate ainda não foi encerrado.

O objetivo principal do presente artigo foi trazer essa questão ao debate, não se vislumbrando possibilidade de afirmar, de modo peremptório, se o filósofo em questão era ou não sexista. O debate, possivelmente, nunca será encerrado, até porque a interpretação também depende da perspectiva de quem interpreta, e, para utilizar uma expressão corrente quando se faz a defesa do discurso identitário, das *lentes* utilizadas para análise do discurso filosófico. Hoje, passadas décadas de suas publicações, e também de sua morte, não é mais possível desvendar diretamente com o autor a efetiva intenção de seu discurso sobre a mulher e o feminino. De qualquer modo, tenha Lévinas sido ou não androcêntrico e sexista em sua obra, é certo que foi um homem de seu tempo, perpassado por valores que não poderia afastar ao desenvolver seu pensamento, porque tais valores faziam parte do homem que era e se manifestavam na sua obra. Mas é certo também que suas teorias, quando estabelecem a ética como filosofia primeira, e quando pensam na valorização do humano em primeiro lugar, têm muito a contribuir para os debates identitários, que preconizam a valorização do humano e da igualdade de direitos e de oportunidades entre os diversos grupos que integram a humanidade – homens, mulheres, comunidade

LGBTQIA+, negros, indígenas, quilombolas, etc. É hora, pois, de superar a dicotomia do debate e atuar para a valorização de sua teoria no que tem de melhor para contribuir para o desenvolvimento das relações humanas.



## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo, vol. I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo, vol. II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CAMILLO, Carlos Eduardo Nicoletti. *A teoria da alteridade jurídica*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. tradução de Fabio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. A justiça e o rosto do outro em Lévinas. *Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito*, v. 3, n. 1, abr./set. 2010, p. 75-90.
- LEON, Stella. François Poulain de la Barre: feminismo y modernidad. *Astrolábio, Revista Internacional de Filosofia*. n. 11, 2010, p. p. 257-270.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Difícil libertad*. Buenos Aires: Lilimod, 2004.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MENEZES, Magali Mendes de. A filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens. In: PACHECO, Juliana (org.). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, p. 62-81.

- MENEZES, Magali Mendes de. O Pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, jan-abr. 2008, p. 13-33.
- PALACIO, Marta. *El sexismo en la ética de Emmanuel Lévinas. Perpetuación filosófica de una dialéctica ininterrumpida*. Publicado em: Jan. 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/43775661\\_El\\_sexismo\\_en\\_la\\_etica\\_de\\_Emanuel\\_Levinas\\_Perpetuacion\\_filosofica\\_de\\_una\\_dialectica\\_ininterrumpida](https://www.researchgate.net/publication/43775661_El_sexismo_en_la_etica_de_Emanuel_Levinas_Perpetuacion_filosofica_de_una_dialectica_ininterrumpida). Acesso em 20 out. 2021.
- PALACIO, Marta. *La mujer y lo femenino en el pensamiento de Emmanuel Lévinas: un debate de género en torno a la alteridad femenina*. Córdoba: Editoria de la Universidad Católica de Córdoba, 2008.
- RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, mai-ago. 2011, p. 371-387.
- SEGATO, Rita Laura. Antropologia e Direitos Humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Maná*, vol. 12, n. 1, 2006, p. 207-236.
- VILLARMEA, Stella. E. Lévinas y “La Mujer”: Materiales para una crítica de la razón patriarcal. *Anábasis* v. 3, n. 2, 1995, p. 157-186.